

OBJETOS DE ORIGEM INDÍGENA CONFECCIONADOS PELO POVO TREMEMBÉ DO MUNICÍPIO DE ITAREMA



COLAR

O colar é um adereço bastante confeccionado, comercializado e usado pelo povo Tremembé e pessoas em geral. Tem colares feitos de búzios e outros feitos com sementes. As artesãs dessa arte combinam formas variadas para dar beleza a esses produtos.



CHOQUE

O choque é um objeto de formato cônico feito de madeira roliça e amarrado com cordas.

O Choque é utilizado para pescar em locais rasos onde haja lama.



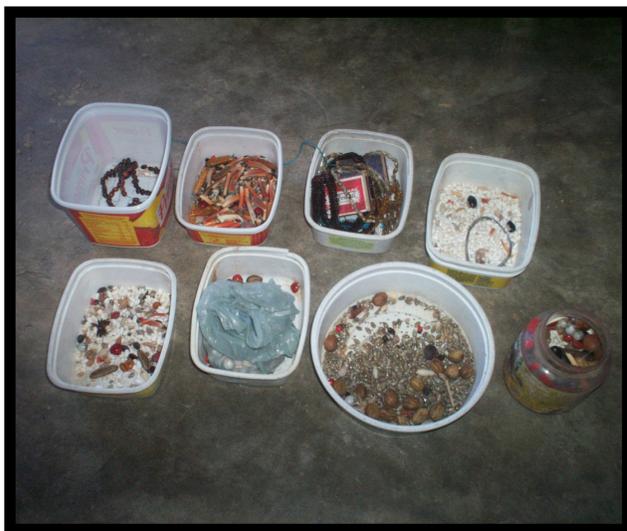
SACA

Conhecida também como Surrão de Palha, a Saca é muito utilizada para armazenar a farinha de mandioca, goma para fazer tapioca e o milho.



VESTIMENTAS E ACESSÓRIOS

A comunidade de Capim-Açú se especializou em fazer vestes com palha e fios de cipó. Entre as vestes encontra-se também acessórios como, balsas e cobertores.

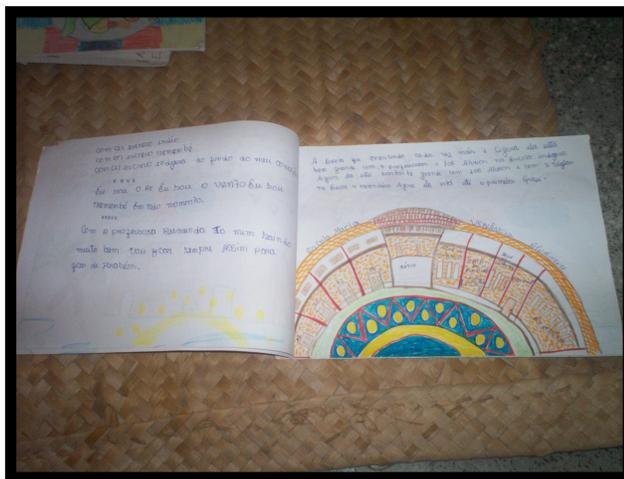


MATERIAL USADO PARA CONFEÇÃO DE COLARES

As artesãs Tremembé são muito organizadas. Elas separam seus produtos em vasilhames para facilitar seus trabalhos.

CARTILHAS E LIVRETOS

Cartilhas e livretos são objetos comuns de se encontrar nas Escolas Indígenas das comunidades Tremembé em Itarema. Esses materiais são criados e confeccionados a mão, por crianças e adolescentes acompanhados por professores também de origem Tremembé.





CANOA OU PAQUETE

O Pacote é um objeto grande feito de madeira contendo em seu interior grande quantidade de isopor.

O Pacote é utilizado para pescar.

COCAR

O Cocar é uma peça antiga da cultura indígena que permanece até hoje pelo povo Tremembé. Esse adereço é feito geralmente de penas e palhas.

O Cocar é utilizado no dia-a-dia pelos professores em sala de aula, mas o momento principal do uso do Cocar é no Ritual sagrado – O Torém – e em festas da tribo.



MARACÁ

O Maracá é um instrumento musical feito pelos índios para acompanhar e dar ritmo às cantigas por eles cantadas em suas festas e na Dança do Torém.

O Maracá é feito com uma cabaça ou Cuité e adaptada à um pedaço de madeira roliça. No interior da Cuité, encontram-se sementes de pau Brasil para dar o som.



Ao visitar as regiões de Almofala, Varjota, Passagem Rasa, Sagüim, Urubu, São José, e Batedeira, onde se encontra as comunidades indígenas do Município de Itarema, registramos vários objetos, que muitos deles, até então, nós não conhecíamos. Ficamos admirados quando entramos em uma sala da Escola Indígena Diferenciada e vimos vários objetos confeccionados pelas crianças e adolescentes indígenas. Eram vasos, cestas, cocais, maquetes, potes, arapucas, e outros objetos em miniaturas.

OBJETOS DE ORIGEM INDÍGENA CONFECCIONADOS DE PALHA DA CARNAUBEIRA



URUPEMA

A Urupema é uma peça de formato redondo e é utilizada para peneirar a goma e o milho. Existem Urupemas em diversos tamanhos, umas com as maias (buracos) mais abertas e outras mais fechadas.



URU

Confeccionado da palha de Carnaubeira, o Uru é utilizado para apanhar feijão e milho.

Numa fabricação menor o Uru serve também para guardar ovos e outras coisas.



BOLSA DE PALHA

Feita também da palha de Carnaubeira, a Bolsa de Palha era muito utilizada para transportar produtos alimentícios e coisas diversas.



ABANADOR DE FOGO

De origem indígena, o Abanador de Fogo ainda é muito utilizado nas casas que possuem fogão a lenha.

OBJETOS CONFECCIONADOS DE BARRO E METAL



VASILHAMES DE LATA

O metal também era muito utilizado pelos artesões de Itarema. Eles faziam vasilhas de vários tamanhos usando latas de leite, óleo e outros. Era comum ver lamparinas feitas de latas de leite em pó nas casas sem energia elétrica, que eram tantas há muitos anos atrás.



POTE DE BARRO E A AGUIDÁ

O Pote de Barro era muito utilizado para depositar água para beber e o Aluá (bebida feita de água, pão, cravo, canela e outras misturas). Outro objeto de barro muito utilizado também era a Aguidá (uma espécie de bacia de barro) que servia para colocar alimentos, como a tapioca, o beiju, o peixe assado, etc. Existem várias formas e tamanhos de Potes e Aguidás, todos eram construídos e utilizados pelos índios Tremembé, hoje ainda é possível encontrar Potes e Aguidás nas casas mais simples.



PENICO FEITO DE BARRO

O Penico era um objeto muito utilizado pelas pessoas mais antigas da região de Itarema. Os Cabungos, assim também conhecidos eram fabricados em plástico, metal e até artesanalmente em barro.



CUIA

A Cuiá é uma peça feita da Cabaça (fruto não comestível de uma planta rasteira de origem nordestina) partida ao meio que serve para retirar a farinha, a goma, a água... utilizada também como bacia.

PESCA DE CURRAL

O curral é uma armadilha de pegar peixe. O tempo de se levantar o curral era outubro e duravam seis meses. O curral no tempo do Expedito Ferreira Nascimento era feito de mourão primeiro. Depois dos morões enfiados dentro do mar passava-se a cinta em volta do curral inteiro.

Com o curral todo citado vem a vez dos espeques - são paus de tamanho muito longo para não serem emendados. Botava-se o espeque no seco e em seguida vinha a esteira, feita de arame e colocada em volta do curral .

Depois desses paus chamados de mourão, espeque e cinta, tinha a espia, que era um lugar pegado aí para atrair os peixes pra dentro do curral.

O curral tinha três partes: sala grande, sala pequena e chiqueiro, onde ficam todos os peixes. Quando os peixes entram no curral. Aqui em Almofala tinha currais de um a vinte. O vinte ficava com quatro metros e meio de fundura.

Antigamente tinha no curral a sardinha, a pelombeta, serra, xaréu, espada, xancarrona, guarajuba, pampo, enxova, piraroba, garaximbora, bonito e camurupim. Vaqueiro era quem cuidava do peixe na pesca de curral.

O mar de Almofala sem a pesca de curral não é o mesmo.

A PESCA NO MANGUE

Maria Meirene e Paulina são alunas da Escola Diferenciada do Mangue Alto. Conversando com elas sobre a pesca no mangue, elas relataram o seguinte:

“Na pesca do mangue os bichinhos têm casco, muitas pernas e uma ou duas patas grandes. Os búzios não têm essas patas, nem pernas, mas carregam uma casca dura ns costas.

Para pegar a cheleia, o caranguejo e o mão-no-olho, a gente precisa da mão.

A gente mete a mão no buraco onde eles moram e puxa.

Pode pegar também eles no seco, quando a maré é grande.

O siri a gente pode pegar com landuá, linha, vara, isca, rede e mão. A gente pode pegar ele também com um gancho de pau que a gente faz.

A gente precisa de rede, tarrafa, landuá e às vezes a mão pode pegar.

MARAMBAIAS

A marambaia é uma morda de peixes que a gente faz. Tira-se a madeira de mangue vermelho, bota-se numa canoa e leva-se para o mar. Aí tem de se fazer uma marcação com um coqueiro, duna ou morro. A marcação é pra se saber o lugar da ida e da chegada da canoa.

No lugar escolhido a gente joga a madeira no fundo do mar, depois mergulha no fundo para juntar e organizar esses paus.

Hoje em dia as marambais são feitas também de pneus amarrados, ferros velhos, fogões passados do tempo, tudo jogado assim como se diz.

As marambais varia de três braças de fundura até doze braças. Uma braça corresponde a um metro e oitenta e cinco centímetros de fundura.

Depois de tudo é só voltar e deixar a marambaia ali virando morada de peixe.

A PALHA, A BASE DA NOSSA CULTURA

“A cultura é o que a gente faz com as coisas do mundo e o que se imagina sobre elas. A palha é uma coisa, por exemplo, que quando a gente pega ela e transforma está fazendo cultura. Eu vou falar dessa cultura da palha no nosso dia-a-dia.

Tudo começa e termina com ela. É de palha a porta da casa da gente, que a gente abre para sair cedinho. Ah, ia esquecendo de dizer que se a gente vai sair e é homem, sai com o chapéu de palha também.

É de palha a esteira onde a gente mais os meninos vai comer o grolado com algum pirão e peixe.

É na parede de palha de dentro da casa que a gente coloca canecos, facas e outros objetos pendurados e que precisam ficar no alto.

É de palha o uru, o cesto e a bolsa que a gente us pra botar a comida, os panos e as coisas que a gente leva de um canto pro outro.

É de palha o abano para o fogão, quando é de lenha.

A palha a gente pega nas palmeiras. Depois trança bem trançadinha a palha tirada do pé e vai fazendo os pontos. As pessoas chamam de artesanato o que a gente faz, depois de tecer a palha pra formar as coisas que se imagina.

E ainda é de palha a veste que a gente usa pra dançar o Torém.”

Relato de Raimundinha, Filha do Cacique João Venâncio e Diretora da Escola Maria Venâncio em Almofala.

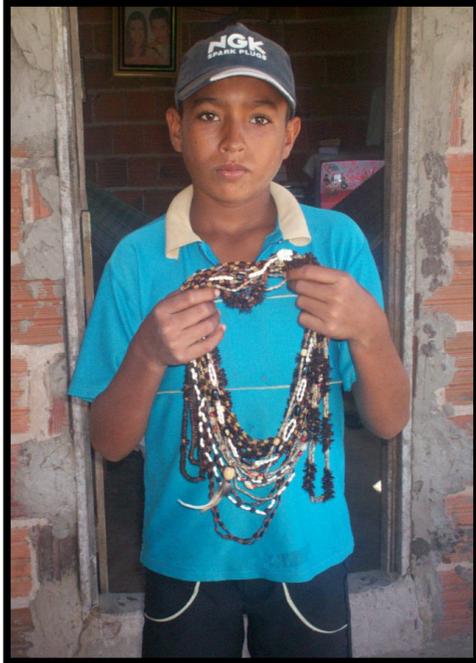
MOCORORÓ

“O Mocororó é uma bebida do caju.

O Mocororó a gente faz assim:

Pega um monte de caju e lava na água dele mesmo. Depois espreme o caju com a mão, côa e depois deixa esse suco do caju ficar ali passando um tempo. A professora diz que ele vai fermentando. Pelo o que eu entendi fermentar é o suco do caju se transformar numa bebida. Depois bota o suco numa cabaça pra se beber cada dia um pouquinho. A gente bebe muito quando é no ritual do Torém.”

Relato de Maria Afonso da Etnia Tremembé



OFÍCIO FAZER COLAR

Pedro Henrique faz Colar, ele tem 13 anos, nasceu em Almofala e é conhecido como “Nem”.

Pedro Henrique utiliza para fazer o colar materiais que segundo ele, vem da natureza. São, búzios, sementes, pena de pássaros, etc. As ferramentas usadas para fazer o colar são o ferro e agulha. Os enfeites são utilizados para dançar o Torém.

Os colares, assim também como pulseiras e tornozeleiras são vendidos para os turistas e outras pessoas da região. Muitas pessoas levam para viagem.

Nem conta que é fácil fazer o colar e aprendeu com sua mãe. Ele conta que se faz assim:

“Primeiro colhe a semente na planta. Ela tem que tá ainda ‘verdosa’, depois pega uma agulha grossa, fura a semente e coloca o nylon. Às vezes a gente mistura búzios com sementes e faz o colar, fica bonito.”

“Meu nome é Francisca Karem Santos, tenho 14 anos e estou no 9º ano na EMEF Pe. Aristides



OFÍCIO FAZER TAPIOCA

Dona Lindalva tem 49 anos e nasceu em Almofala distrito de Itarema distante a 12 Km.

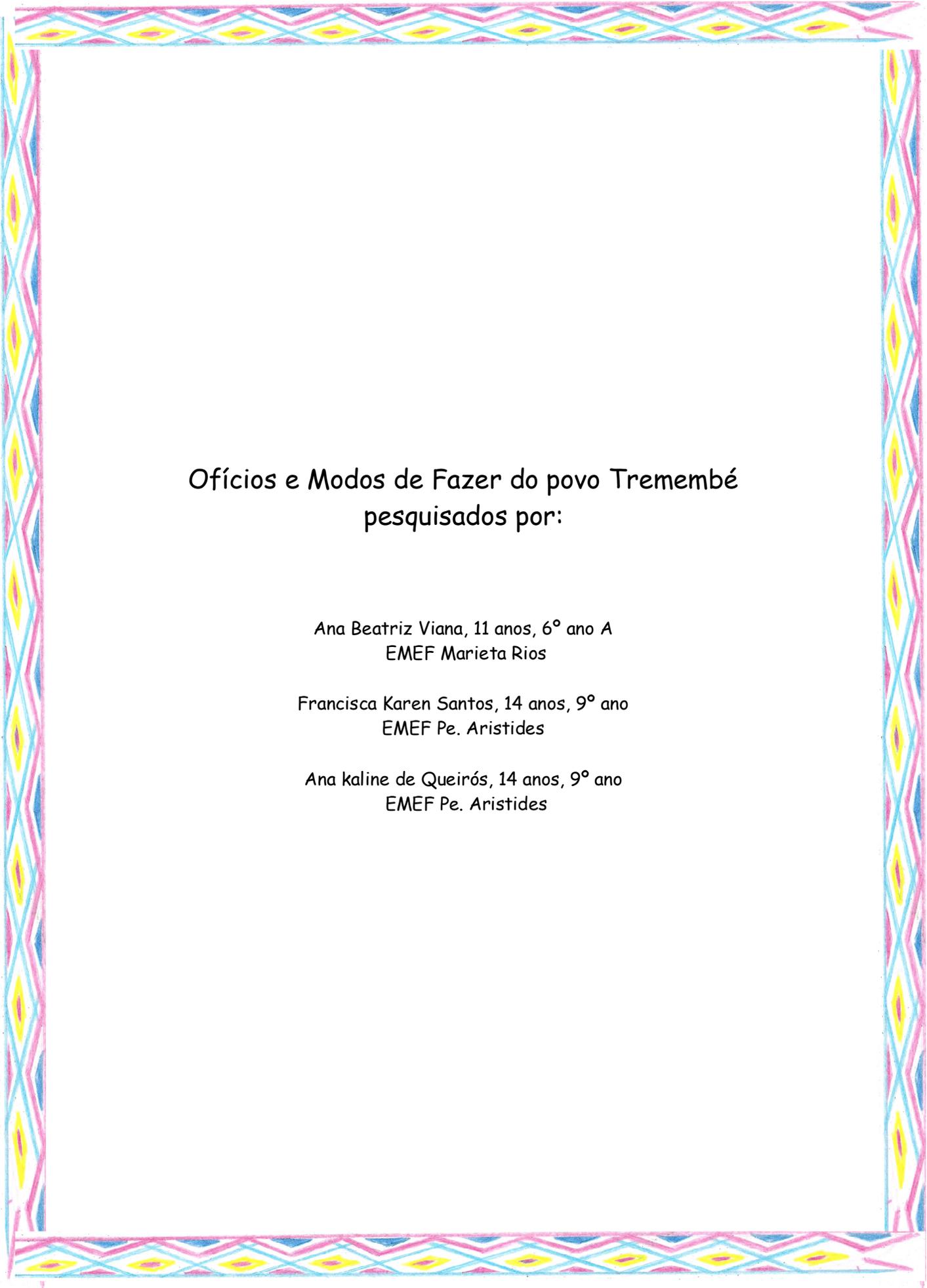
Dona Lindalva faz tapiocas para

consumo seu e de sua família e também para comercializar.

A matéria prima que ela utiliza para fazer suas tapiocas vem da roça, as ferramentas usadas para fazer a tapioca são frigideira e colher. Suas tapiocas, são vendidas aos turistas quando vão por lá.

Segundo Dona Lindalva o modo de fazer a tapioca é o seguinte: "Primeiro raspa o coco depois molha a goma e coloca o coco; acrescenta-se um pouco de sal e depois põe na frigideira e fica virando de um lado para o outro. Depois tira a tapioca e deixa esfriar por alguns minutos, depois é só 'tomar' com café."

"Meu nome é Francisca Karem Santos, tenho 14 anos e estou no 9º ano na EMEF Pe. Aristides



Ofícios e Modos de Fazer do povo Tremembé
pesquisados por:

Ana Beatriz Viana, 11 anos, 6º ano A
EMEF Marieta Rios

Francisca Karen Santos, 14 anos, 9º ano
EMEF Pe. Aristides

Ana kaline de Queirós, 14 anos, 9º ano
EMEF Pe. Aristides



OFÍCIO E MODO DE FAZER

SACA

Dona Astrogilda é uma moradora de Varjota nascida lá mesmo. Ela tem 53 anos e seu ofício é fazer artesanato.

Ela é uma senhora trabalhadora, acorda muito cedo para cuidar das atividades domésticas para depois fabricar suas peças.

Ela faz sacas, urupemas, peneiras, vassouras... Objetos feitos de palha. Ela começou a fazer esse ofício muito cedo, herança deixada pelos seus pais.

Perguntei para ela como se faz uma saca e segundo Dona Astrogilda a saca se faz assim:

“Primeiro a gente tem que se acordar cedo, ainda com escuro para derrubar as palha de carnaubeira, a gente sai de madrugada pra várzea levando uma faca e uma vara com uma foice na ponta. Logo depois a gente corta as palhas da carnaubeira e aproveita somente as palhas do meio, pois as outras não servem para fazer a saca. Quando a palha chega, a gente deixa no sol uns três dia pra secar... a gente travaia com elas seca. Depois vai fazendo as tiras de trança que pode medir de 10 a 25 braças. Quando as tiras tá pronta, agora vem a vez de emendar ela todinha na grade de madeira. E assim a gente faz a saca.”



“Meu nome é Francisca Karem Santos, tenho 14 anos e estou no 9º ano na EMEF Pe. Aristides”

OFÍCIOS E MODO DE FAZER

CROCHÊ

Maria Isabel conhecida por Bebel, nasceu na Varjota e tem 14 anos.

Pra fazer o crochê, ela pega a agulha a linha e começa a fazer esse ofício. Ela faz pra vender as pessoas da aldeia ou aos visitantes. Para fazer o crochê Isabel compra os materiais no centro da cidade. As ferramentas utilizadas são a agulha e a linha.

Todo trabalho produzido elas vendem na cidade, produzem varandas para redes, toalhas para mesa além de enfeitar. Esse ofício, a Maria Isabel e outras índias aprenderam em um projeto que teve na localidade.

**"Meu nome é Ana Beatriz Viana, tenho 11 anos,
e estou no 6º ano A na EMEF Marieta Rios"**



OFÍCIOS E MODOS DE FAZER

NOVELO DE ALGODÃO

Dona Deusina é uma artesã. Ela faz novelos de algodão para confeccionar redes. Ela aprendeu esse ofício com sua mãe D. Francisca.

Deusina nasceu e se criou em Varjota. Hoje ela é casada e tem muitos filhos.

Dona Deusina conta que fazer redes é muito fácil, mas leva tempo. Hoje em dia ela faz somente os novelos de linha, as redes são tecidas no tear por outras mulheres.

Para fazer o novelo ela diz o seguinte: “Primeiro tem que plantar o algodão e esperar que lê saia dos botões. Quando eles estiverem estourado e aparecer os capuchos bem branquinhos, a gente pega o algodão e limpa ele todinho tirando a sujeira. Depois começa a bater, emendando um no outro para deixa-lo bem grande. Com o fiador a gente vai enrolando o algodão fazendo fios bem finos, depois é só fazer os novelos.”

“Meu nome é Ana Kaline, tenho 14 anos,
e estou no 9º ano A na EMEF Pe. Aristides”